

Dívida empobrece ricos

Externa

Henry Kaufman (*)
no The Wall Street Journal



Henry Kaufman

O mundo industrializado está atolado num desempenho econômico abaixo do normal: o seu Produto Nacional Bruto caiu para 2% ao ano até agora nesta década, em comparação com 3% na década de 70 e 5% na década de 60. Um importante fator que explica essa desaceleração é a dívida acumulada por países de outras áreas.

As soluções passadas — deflação que elimina a dívida através da ab-rogação de obrigações ou inflação suficientemente aguda a ponto de tornar a carga de dívida menos onerosa e também menos valiosa para os credores — provocariam enormes desequilíbrios e são inaceitáveis hoje. Em contrapartida, as muitas abordagens plausíveis, aparentemente simples, agora em discussão provocariam problemas maiores e mais numerosos.

O mundo levou muitos anos para entrar nessa armadilha da dívida; suas dimensões são bem conhecidas. Portanto, o primeiro passo consiste em deixar que nossos esforços e ambições sejam orientados pela realidade de que sair dela levará muito tempo. Não há nenhuma grande solução que possa ser anuncia-

GAZETA MERCANTIL

da ao mundo depois de uma reunião de fim de semana, ou depois de audiências do Senado, como as da Subcomissão da Dívida Internacional da Comissão das Finanças.

Até agora, as nações industrializadas conseguiram, na melhor das hipóteses, estabilizar temporariamente o problema da dívida mundial e ganhar tempo. Através de esforços sobre cooperação monetária e liberalização das normas oficiais para instituições financeiras — e as normas de crédito em geral —, os Estados Unidos conseguiram afastar o pior do impacto da dívida excessiva sobre a atividade econômica. Consequentemente, evitou-se uma recessão econômica, que, caso ocorresse a curto prazo, teria sido provavelmente muito profunda, porque o ônus da dívida restringiria os gastos e as inevitáveis falências levariam ao aumento da preferência por liquidez

e a uma fuga para empresas de qualidade.

Contudo, mais cedo ou mais tarde, os muitos aspectos do problema da dívida terão de ser tratados e deverão estabelecer-se bases para a retomada de um crescimento econômico sustentado, para que se dependa menos da expansão de créditos. Essa responsabilidade precisa ser partilhada. Outras nações do mundo precisam tomar a iniciativa, por exemplo, de adotar políticas monetárias e fiscais que aumentarão o ritmo da atividade econômica. No momento, os Estados Unidos pouco podem fazer em qualquer das duas áreas. Um afluxamento adicional da política monetária norte-americana implicaria novos riscos graves se os Estados Unidos agirem independentemente de outros países-chave. Sua política fiscal está numa camisa-de-força, como consequência dos enormes excessos do passado. Além disso, os atuais esforços

(Continua na página 2)

"É ridículo que os países mais pobres se tenham transformado, nos últimos anos, em exportadores líquidos de capital." A afirmação é do vice-ministro britânico do Meio Ambiente da Inglaterra, William Waldegrave. Ele acredita que os "problemas subjacentes da área ecológica não serão resolvidos enquanto o problema da dívida também não for solucionado".

(Ver página 2)